

A sacrílega Madona

Francisco José Alves dos Santos*

O filme *Na cama com Madona* (direção e Alek Keshishian, EUA, 1991) fez ressoar em mim uma sentença do velho Zaratustra: "Olhai os crentes de todas as fés! A quem odeiam mais que todos? Àquele que parte suas tábuas de valores, o destruidor, o criminoso; - mas esse é o criador". Madona é uma iconoclasta. O filme vem apenas confirmar esta natureza ascendente. Vejo em Madona alguém que vem corroer a pasmeira moral que reina no mundo. Não é à toa que, do Vaticano à TFP, todos os cães de guarda da moral e dos bons costumes se uniram em "santa cruzada" contra a artista. Eles bem perceberam o perigo que ela representa.

A blasfêmia já começa pelo nome: Madona, em italiano, significa **Nossa Senhora**. Nome nada mais impróprio para alguém que encarna os valores diametralmente contrários àqueles associados à Virgem Maria: maternidade casta, pureza, transcendência. Madona é a incorporação viva do sexo, do prazer, da imanência. Contra os valores do céu a artista afirma os prazeres da terra.

No decorrer do filme Madona declara o seu propósito: "não desejo impor um modo de vida. Apenas descrevo um". Ela propõe um saudável pluralismo ético. Está claro que ela, como todos, possui uma moral. Só que, ao contrário dos nossos empresários da moral, ela não pretende impô-la como modelo único. Esta diferença é essencial. Enquanto a Igreja quer impingir a sua moral (pela pregação ou pela força) a todo mundo, Madona apenas apresenta um modo de vida: o seu.

Isto vem irritar muito os partidários do imperialismo ético expresso na fórmula: "um só rebanho e um só pastor".

Madona afirma a vida. Contra os pregadores da morte e do mundo-além ela demonstra que a aventura da vida vale a pena, que o nosso reino é deste mundo.

A muitos chocou o uso profano (feito pela artista) dos

símbolos do catolicismo como cruzeiros, coroas, jenuflexões, turbulos, igrejas etc. Uma pitada de história honesta do Cristianismo acabará com estes pruridos tolos. O Cristianismo, ao findar a Antiguidade, passou da condição de religião perseguida à de perseguidora. Os imperadores convertidos ao credo agora oficial foram tão cruéis com os hereges e os pagãos como haviam sido os seus antecessores. Mas isto aqui não importa. Importa lembrar o fato de quanto a nova religião incorporou das velhas crenças. A hierarquia eclesíástica é uma cópia daquela existente na religião vencida. E não só. Festas de divindades pagãs foram cristianizadas, templos foram transformados em igrejas. O cristianismo é religião sincrética, muito deve às velhas crenças dos pagãos. Acusar Madona de usar indevidamente os símbolos católicos é desconhecer a história da adoção destes mesmos símbolos. A apropriação estética destes símbolos pela estrela é legítima. Na guerra dos significados não há proprietários absolutos mas contenedores. Os devotos do paganismo esmagado pelo Cristianismo tiveram, seguramente, o mesmo sentimento de revolta ante a utilização e refuncionalização dos seus símbolos pelos inimigos vitoriosos: os cristãos.

O documentário mostra ainda uma Madona que desculpabiliza o sexo. O erotismo é mostrado como algo ludicamente prazeroso. Numa tradição cultural onde esta dimensão da vida foi reprimida, lançado na escuridão da culpa, a cantora ousa pô-la em cena, como celebração dionisíaca da existência. Em lugar da privacidade culposa, a publicidade afirmativa, gloriosa.

Na película Madona mostra-se de corpo inteiro: frágil/forte, meiga/ferina, santa/puta. Madona revela-se por palavras e ações. Trata-se de um painel variado onde familiares, amigos, amores, companheiros de trabalho retratam suas impressões sobre a estrela. Madona é um furacão de emoções, uma usina de inquietante criação. Ela declara saber não ser uma "grande" cantora, uma "grande" bailarina, sua vocação é provocar as pessoas pondo seus corpos e mentes em plena ebulição. E não é pouca coisa. Por Madona tenho esperanças de que nem tudo está perdido: ela vem injetar um pouco de **saúde** numa civilização multiseularmente **adoecida** sob o signo da cruz.

* Francisco José Alves dos Santos é mestre em Antropologia pela UnB e prof. do Dep. de Filosofia e História da Universidade Federal de Se.